

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: Um relato de experiência do estágio curricular.

Endayra Ribas Machado ¹
Kelly Werle ²

RESUMO

O presente artigo apresenta um relato de experiência do período de Estágio Supervisionado na Educação Infantil III, com foco na abordagem metodológica da documentação pedagógica como ferramenta de observação, registro e reflexão sobre as aprendizagens cotidianas das crianças. A partir das experiências e propostas que, no estágio, se desenrolaram em projetos de pesquisa de dimensões longitudinais, desenvolvidas com uma turma de Maternal II, a documentação pedagógica foi se construindo de maneira gradual, acompanhando o cotidiano da turma, as brincadeiras, os ricos diálogos, os interesses e as necessidades que das crianças surgiam. Uma das principais referências teórico-metodológicas que sustentam o estudo são algumas publicações institucionais do MEC (Ministério da Educação) como *Documentação Pedagógica: concepções e articulações* (Brasil, 2018), e as contribuições de Paulo Fochi, que orientam a documentação pedagógica como um processo investigativo, reflexivo e formativo da prática docente. Trata-se de um relato de experiência, baseado em observações participantes, registros escritos e fotográficos, bem como, reflexões produzidas ao longo do estágio. Como resultado, destacam-se os portfólios temáticos construídos a partir dos projetos de trabalhos desenvolvidos com e pelas crianças, por meio de investigações, curiosidades, levantamento de hipóteses e novas aprendizagens, além de contribuir com a comunicação entre escola e famílias, bem como, para a reflexão de práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Educação Infantil, Estágio Curricular, Documentação Pedagógica, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Atualmente, a documentação pedagógica está cada vez mais se consolidando como uma importante estratégia educativa nas práticas dos professores. É no processo contínuo de observação, registro e interpretação que transformam as vivências em memórias narrativas, tornando visível os processos de aprendizados emergentes do cotidiano das crianças, dos adultos e da escola. Trata-se de uma prática potente para fortalecer a identidade pedagógica da instituição e, ao mesmo tempo, qualificar a reflexão docente.

Nesse sentido, o período do Estágio Curricular na Educação Infantil III, mostrou-se um espaço privilegiado para a experimentação dessa abordagem, realizada com uma turma de

¹ Graduando do Curso de Pedagogia – Licenciatura Plena Diurno da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, endayra.ribas@acad.ufsm.br;

² Professora orientadora: Prof^a Dr^a Kelly Werle, Departamento de Metodologia do Ensino - UFSM, kelly.werle@ufsm.br



Maternal II (crianças de 3 e 4 anos de idade). Desde o início, buscou-se registrar os diálogos, as produções e experiências vividas pelas crianças a partir de fotos, vídeos, gravações de áudio e registros escritos ao longo dos processos investigativos da turma. Esses registros foram produzidos intencionalmente para que, ao término do estágio, fosse possível a elaboração de Portfólios temáticos como sínteses narrativas do percurso que os pequenos pesquisadores construíram. Vale ressaltar que a documentação pedagógica ultrapassa a ideia de mero registro de atividades ou coleta de dados sem intencionalidade, tampouco que qualquer registro possa virar documentação pedagógica.

Fochi e Pinazza ao dialogarem com Gandini, Edwards e colaboradores (2002 *apud* FOCHI e PINAZZA, 2018, p. 19) destacam que a documentação deve ser vista “como uma observação aguçada e uma escuta atenta, registrada através de uma variedade de formas pelos educadores que estão contribuindo conscientemente com sua perspectiva pessoal”. E complementam ao mencionar que

Gandini e Edwards (2002) propõem a documentação como um ciclo de investigação, composto por diferentes etapas desde a formulação de perguntas, passando pela observação, registro e produção de dados, pela organização dos dados observados e registrados, até chegar na análise e interpretação dos registros produzidos, o que permitirá a formulação de perguntas e composição de projetos e planejamentos futuros (FOCHI e PINAZZA, 2018, p.19).

Assim, produzir uma documentação pedagógica compõe um trabalho complexo, que exige intencionalidade, sensibilidade e compromisso com o percurso de aprendizagem das crianças e do próprio professor. Com isso, o presente artigo objetiva apresentar e analisar a experiência de documentação pedagógica desenvolvida durante o Estágio Curricular da Educação Infantil III, com foco na elaboração de portfólios temáticos como sínteses narrativas construídas durante os percursos investigativos de uma turma de Maternal II.

Metodologicamente, este artigo caracteriza-se como relato de experiência fundamentado teoricamente, baseado em observações participantes, compilando registros escritos, fotográficos e reflexões que foram produzidas durante o estágio. Como resultado, são apresentados portfólios temáticos elaborados a partir de projetos investigativos longitudinais desenvolvidos com a turma, evidenciando a documentação pedagógica como um importante instrumento de comunicação da aprendizagem, de fortalecimento de vínculos entre escola-família e comunidade, reafirmando seu papel fundamental como processo investigativo, reflexivo e formativo no contexto da Educação Infantil.

METODOLOGIA



Caracterizando-se como relato de experiência desenvolvido durante o Estágio Curricular na Educação Infantil III, esse estudo fundamenta-se metodologicamente nos processos de reflexão sobre a prática docente, visto que “ensinar exige reflexão crítica sobre a prática [...] É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (FREIRE, 1996, p. 21). O referido estágio foi realizado em uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI), localizada no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul.

A experiência teve duração aproximada de três meses, considerando o período de observação, regência e atividades posteriores desenvolvidas na própria escola e também na Universidade, como momentos de socialização das vivências e produções realizadas. O trabalho foi desenvolvido em uma turma de Maternal II, composta por 14 crianças de 3 a 4 anos de idade.

A partir de observação participante, realizadas quatro dias por semana no turno da tarde, buscou-se desde o princípio, acompanhar o cotidiano da turma por meio de uma escuta atenta aos diálogos que surgiam das interações entre as crianças. Considerando essa faixa etária, sabe-se que a comunicação verbal já se constitui como um importante meio de expressão, tanto na elaboração de hipóteses, quanto a interesses e certas necessidades. Assim, ao serem ouvidas com sensibilidade e seriedade, essas demonstrações podem permitir a construção de uma prática profissional mais coerente com o que realmente lhes desperta curiosidade, e também possibilita que as crianças participem da construção dos planejamentos e projetos desenvolvidos na turma. Nesse sentido, Barbosa e Horn (2008, p.58) afirmam que “um dos pontos relevantes da pedagogia de projetos é que as crianças participam da gestão desse processo, propiciando-se, assim, que o poder do planejamento seja distribuído entre adultos e crianças”.

Buscou-se registrar os diálogos e experiências das crianças a partir de gravações³, fotografias e registros escritos. Foi retomando a esses registros que se tornou possível a elaboração dos planejamentos semanais. Ao longo do estágio, foram desenvolvidos 4 projetos pedagógicos que se constituíram a partir do interesse, curiosidade e necessidade comum do coletivo, sendo que, um deles, o do desfralde, acabou se individualizando durante o percurso devido a especificidade e tempo de cada um. Foi a partir de dois desses projetos que surgiu, então, um documento final que registrasse os percursos de aprendizagens do grupo de crianças durante o período do estágio. Optou-se por organizar esse material no formato de

³ A pesquisa respeitou os princípios éticos, com utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado pelos responsáveis, autorizando a coleta de dados e o uso de imagens das crianças.



portfólio temático, com uma linguagem mais acessível tanto para as crianças (os próprios autores) quanto para as famílias e comunidade escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

No contexto da formação inicial de professores, o estágio supervisionado é visto como um espaço privilegiado de aprendizagem e experimentação da prática docente. É no estágio que se torna possível exercitar tais teorias acadêmicas na prática, refletir sobre as experiências vividas na escola e compreender de maneira mais concreta os diversos desafios e possibilidades que o ambiente escolar proporciona. Além disso, o estágio também se caracteriza como um espaço de construção coletiva de saberes. As trocas de experiências e diálogos estabelecidas entre todos os sujeitos envolvidos nesse processo, como professores orientadores da universidade, colegas de estágio, professores regentes da escola e os demais profissionais da instituição, possibilitam a partilha de experiências, a problematização das práticas observadas e a construção coletiva de reflexões acerca do trabalho pedagógico. As orientações realizadas ao longo do estágio assumem um papel relevante ao constituir-se nos momentos de análise e discussão das experiências vivenciadas, no compartilhamento de registros, observações e reflexões com a professora orientadora e colegas. Assim, o estágio pode ser entendido como um processo formativo que se constrói de maneira coletiva e reflexiva, no qual os diferentes saberes se entrelaçam para a constituição da identidade docente de cada acadêmico.

Nesse contexto, a documentação pedagógica pode assumir um papel fundamental nesse processo, uma vez que possibilita ao estagiário registrar, projetar e revisitar situações cotidianas. Para Ostetto (2017), toda a base da documentação encontra-se na observação.

Observar, extrapola as ações de ouvir, perceber e descrever o que está sendo observado. Envolve reflexão, inferências, levantamento de hipóteses, discussão, confronto de pontos de vista, argumentação, conhecimentos prévios, concepções, valores, dentre outras características do educador (MANFRÉ; ARIOSI, 2019, p. 159).

É observando atentamente e estando realmente presente com as crianças que se torna possível conhecer seus processos. Os registros elaborados por meio das observações, configuram-se como um

[...] instrumento do trabalho pedagógico, como um documento reflexivo de professoras e professores, espaço no qual marca o vivido - conquistas, descobertas, incertezas, perguntas, medos, ousadias -, e em cuja dinâmica podem apropriar-se de seus fazeres [...] (OSTETTO, 2017, p.15).



Ao produzir registros, o(a) estagiário(a) passa a construir um material do qual permite observar com mais atenção os processos de aprendizado das crianças, suas interações, curiosidades e modos de entender o mundo.

Dessa forma, o registro deixa de cumprir um papel meramente descritivo e passa a ser um instrumento de análise e de reflexão sobre a prática docente. Agrupa-se os registros e constrói-se, então, a documentação, que

Ainda que gere um produto (necessário para cumprir alguns de seus objetivos, como a memória e a comunicação), o interesse maior recai sobre o processo, e é nesse específico aspecto que a documentação alimenta o planejamento[...] (OSTETTO, 2017, p.25).

Ao reconhecer os interesses, as necessidades, as dúvidas e os modos de expressão das crianças, é possível organizar um planejamento coerente e significativo, ao qual realmente os incentivem em suas buscas e investigações.

Documentar é contar histórias, testemunhar narrativamente a cultura, as ideias, as diversas formas de pensar das crianças; é inventar tramas, poetizar os acontecimentos, dar sentido à existência, construir canais de ruptura com a linguagem “escolarizada”, tradicionalmente cinzenta, rígida, enquadrada, que tantas vezes silencia adultos e crianças. Documentação é autoria, é criação (OSTETTO, 2017, p.26).

Diferentemente do que comumente se pensa ao ouvir pela primeira vez o termo documentação pedagógica, esta não se limita apenas ao registro de alguma proposta elaborada com crianças. Fochi (2019) em seu livro “Mini-histórias: Rapsódias da vida cotidiana nas escolas do Observatório da Cultura Infantil - OBECI”, apresenta um quadro explicativo no qual fraciona o termo documentação pedagógica em: “documentar” (VERBO); “documentação” (SUBSTANTIVO) e “documentação pedagógica” (CONCEITO), a fim de uma compreensão mais clara sobre seu verdadeiro processo. Para ele, o verbo “documentar” é qualquer tipo de registro (fotográfico, filmagens, anotações) que se faz sobre uma determinada prática pedagógica. Porém, o registro, por si só, não contempla os efeitos que se espera da prática que fundamenta a documentação pedagógica. Já o substantivo “documentação”, refere-se ao “Produto comunicado”, ou seja, mini-histórias, portfólios, exposições, vídeos ou outros formatos que a partir dos registros produzidos, tornam-se documentos de comunicação. Mas, da mesma maneira que o “registro”, a construção da “documentação” sem reflexão acima das práticas, acaba por fazer-se apenas “[...] um material com temática pedagógica, situado em uma pedagogia qualquer” (FOCHI, 2019, p.13).

Com isso, surge então o conceito de “documentação pedagógica” não como um produto, mas como uma estratégia educativa onde envolve o olhar, o refletir, o fazer e o narrar



do cotidiano pedagógico das crianças, que, quando compartilhado com a comunidade escolar, enriquece e valoriza os processos de aprendizagem de todos os atores. Do mesmo modo, refletindo a própria prática, revisitando os registros e as experiências, o(a) professor(a) passa a analisar os fatos, repensar as estratégias e planejar novas propostas, fortalecendo assim, seu desenvolvimento profissional.

Dessa forma, a documentação pedagógica apresenta-se como uma importante estratégia de acompanhamento e reflexão sobre as experiências vividas no contexto educativo. No âmbito do estágio, essa ferramenta possibilita às famílias, à comunidade escolar e ao próprio estagiário compreender com mais profundidade os processos de aprendizagem das crianças, ao mesmo tempo em que favorece o desenvolvimento investigativo e reflexivo sobre a prática docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os quatro temas investigativos que orientaram os projetos foram: *O processo do desfralde; Por onde saem as teias das aranhas?; Pedras preciosas; Porongos e suas possibilidades*. Dentre esses, dois foram escolhidos para a elaboração dos portfólios temáticos: o projeto sobre as aranhas e sobre os porongos. Inicialmente, a intenção era produzir um portfólio para cada projeto investigativo, haja visto que é de grande importância que cada criança reconheça seu próprio processo de aprendizado, e, como afirma Malaguzzi “O que não se vê, não existe”, reforçando a documentação e socialização dessas vivências. Porém, devido a grande quantidade de experiências que se alcançou, o tempo para a seleção dos registros se mostrou curta, optando-se por escolher os dois primeiros projetos elaborados, desde o início do estágio até a conclusão do mesmo. Todos eram repletos de diálogos interessantes e ricos registros, entretanto, era preciso finalizar algumas documentações a tempo de entregar às famílias como parte da conclusão do estágio e do encerramento do ano letivo.

PROJETO 1: “AFINAL, DE ONDE SAEM AS TEIAS DAS ARANHAS?”

O projeto teve início ainda no período de observação do Estágio Curricular, a partir da leitura de uma história sobre aranhas⁴. Durante esse momento, uma criança afirmou: “A teia dela sai por aqui!”, apontando para a boca da aranha, o que mobilizou o grupo a levantar diferentes hipóteses sobre a origem da teia. O interesse pelo tema permaneceu nas brincadeiras espontâneas, possibilitando, a partir de observações e da “escuta holística”

⁴ Livro infantil: ROB, Jackie; STRINGLE, Berny. **A história da aranha**. São Paulo: Ática, 2003.



(GONZALEZ-MENA, 2015) a organização de um percurso investigativo guiado pelas curiosidades das crianças.

No período de regência, iniciou-se a busca com uma roda de conversa sobre a grande questão que surgiu no dia da leitura do livro sobre as aranhas: “Por onde saem as teias delas?” As crianças levantaram hipóteses e as registraram por meio de desenhos. Enquanto desenhavam, foram realizadas filmagens que, posteriormente, poderiam servir para auxiliar no registro de suas narrativas, pois algumas crianças, ao desenhar, descrevem e contam aquilo que estão representando. A revisitação a essas filmagens permitiu compreender, legendar e observar as narrativas sobre os desenhos, tornando-o entendível para outras pessoas.

Na sequência, foram apresentados vídeos explicativos, que revelavam a origem das teias, provocando surpresa e reformulando as ideias iniciais à medida que novas informações eram apresentadas. As crianças ficaram impressionadas ao descobrir que as teias saem de glândulas específicas muito próximas ao ânus das aranhas, em quantidades excepcionais, o que provocou novos comentários e dúvidas durante o momento: “*Uau, nunca sabia que saia pelo bumbum*”; “*Como que ela nos pica? Ela mora no lago? Assim ela vai cair e morrer afogada!*”; “*Eu acho que ela faz xixi*”; “*Junto com o cocô?*”; “*Será que ela faz xixi sem a fralda*?*” Esse momento mostra o processo de construção do conhecimento das crianças, marcado pelos questionamentos e curiosidades.

A investigação seguiu com a observação de imagens de diferentes aranhas e teias, e continuou por meio de buscas com lupas por teias no espaço externo da escola, o que causou uma ampliação considerável de perguntas das crianças.

A partir das novas dúvidas, como: “*A aranha fez um cocô que são os bichinhos que ela come*”; “*Cada aranha faz um cocô diferente*”; “*Será que a aranha come outra aranha?*”; “*Eu acho que ela come o filhote dela*”. A partir destes questionamentos foram explorados aspectos como a alimentação, a excreção e formas de defesa do animal, incluindo a compreensão sobre as quelíceras, entendido pelas crianças como “garrinhas que picam” e o veneno, bem como os cuidados necessários ao encontrá-las. Posteriormente, as crianças construíram teias nas grades da escola, com cola de isopor para tentar capturar insetinhos, como fazem as aranhas, aprofundando a experiência de forma prática. Dando continuidade, investigaram-se os múltiplos olhos das aranhas, suas funções e características, por meio de imagens (as menos assustadoras) previamente separadas.

Diferentemente do que se esperava, as crianças amaram as fotos das aranhas, surgindo falas como: “*Ai, que fofinhas*”; “*Olha, elas tem olhos mesmo*”; “*Essa tem quatro olhos*”; “*Essa aranha tem mais olhos lá atrás*”. Também foi questionado o motivo pelo qual as



aranhas possuem tantos olhos, e as respostas surgiram rapidamente: “*Serve para ver a família*”; “*Os olhos são para olhar os bichinhos*”; “*São para que ela possa ver e morder*”; “*Ela é um macaco-aranha e tem que olhar com oito olhos os bichinhos*”. Com base nessas hipóteses, avançamos na investigação e descobrimos que, nas diversas espécies de aranhas, cada uma possui uma quantidade diferente de olhos, que podem variar, em geral, de um a quatro pares, sendo eles um par de olhos primários e os outros secundários.

Por fim, descobriu-se que a presença desses múltiplos olhos está relacionada ao fato de as aranhas não possuírem pescoço, o que limita o movimento da cabeça.

Para retomar e consolidar os conhecimentos construídos, as crianças confeccionaram “aranhas de estimação”, incorporando elementos estudados a longo do projeto, como olhos, corpo, quantidades de patas, local de saída da teias, quelíceras, possibilitando revisitar as descobertas e evidenciar o percurso investigativo desenvolvido.

Outras informações e maiores detalhes do projeto podem ser acompanhadas diretamente por meio do QR Code do livro digital produzido. Para acessar a história completa, clique no link abaixo ou realize a leitura do QR Code.

<https://heyzine.com/flip-book/ca52d980c8.html#page/32>



PROJETO 2: “PORONGOS E SUAS POSSIBILIDADES”

A ideia da construção de um projeto sobre porongos surgiu, também, a partir de situações simples vivenciadas ainda no período de observação do estágio. As crianças demonstraram grande interesse pelo chimarrão levado pela professora regente durante a Semana Farroupilha, bem como pelos porongos distribuídos pela escola, que decoravam como símbolo representativo da cultura gaúcha.

Certo dia, uma das crianças da turma pegou os porongos que estavam sobre a mesa e percebeu que dentro havia algo que produzia som ao ser chacoalhado. As demais crianças que estavam próximas, foram rapidamente tocadas pela curiosidade despertada pelo barulho inesperado. Encantadas com a “surpresa” que havia em seu interior, passaram a levantar questionamentos sobre o que poderia estar causando o som e quais seriam as possíveis utilidades daquele objeto. Com isso, surgiu então, a grande pergunta disparadora para dar início ao projeto: *O que mais será que podemos fazer com um porongo?*



Diversas propostas de investigação e de exploração foram desenvolvidas durante o período de regência, articulando a surpresa inicial das crianças diante do som produzido no interior do porongo e a curiosidade em compreender suas possibilidades. Guiados por essa grande questão, foram elaboradas propostas que estimulavam o levantamento de hipóteses e o surgimento de novas perguntas sobre o objeto. Cada criança teve a oportunidade de explorar seu próprio porongo, o que intensificou ainda mais o interesse em descobrir o que havia em seu interior. Durante esse processo, emergiram perguntas como: “*Será que são bolinhas?*”; “*Isso quebra?*”; “*É casinha de passarinho?*”; “*É água de coco?*”.

O projeto teve início com um momento musical, no qual as crianças exploraram elementos como pulso e padrões rítmicos, utilizando os porongos como chocalhos, ampliando as suas possibilidades de uso para além da curiosidade inicial.

Após esse primeiro momento de exploração, tomados ainda mais pela curiosidade em relação ao que havia no interior dos porongos, organizou-se um momento coletivo para que as crianças pudessem, finalmente, investigar e descobrir o que havia dentro do objeto. Com os porongos previamente cortados, eles os abriram e se depararam com sementes, o que gerou imensa surpresa e entusiasmo no grupo. A descoberta gerou novas falas e interpretações, conduzindo-as à criação de brincadeiras imaginativas, como: “*São sementes!*”; “*Estou fazendo uma sopa!*”; “*Vou fazer um mate com açúcar!*”; “*Estou esmagando as sementes!*”

Da mesma maneira como aconteceu na pesquisa com as aranhas, à medida que as novas descobertas aconteciam, as hipóteses das crianças eram reformuladas, ajustando-se aos novos entendimentos construídos sobre o objeto, provocando um novo processo de conhecimento que se pautou na experiência vivida.

A partir dessa descoberta, o projeto ampliou-se para novas possibilidades de exploração. As crianças passaram a conhecer a utilização dos porongos na confecção de cuias de chimarrão, estabelecendo certa relação com esse elemento da cultura gaúcha já presente em seu cotidiano. Assim, foram convidados a participar do processo de limpeza, preparo e personalização dos seus porongos, envolvendo-se em experiências que estimulem a criação, a imaginação e brincadeiras simbólicas. As cuias produzidas e personalizadas foram posteriormente incorporadas aos momentos de faz de conta da sala, especialmente no espaço da cozinha, possibilitando a criação e ressignificação delas a partir das vivências das crianças.

O projeto continuou com a proposta de plantio das sementes retiradas dos porongos durante a limpeza do mesmo. A partir da ideia levantada pelas crianças, organizou-se um momento de busca por terra no espaço externo da escola, utilizando a parte oposta da cuia (a sobra) como próprio recipiente para o plantio. Com o passar dos dias, a germinação fluiu



muito mais rápido do que o esperado, despertando ainda mais o encantamento da turma, que passou a acompanhar esse processo e cuidar das mudas até os últimos dias letivos. Posteriormente, as mudas foram transplantadas a um canteiro elaborado com a turma no pátio da escola, possibilitando seu maior desenvolvimento, para uma possível produção de frutos. Outras sementes que restaram da limpeza, foram levadas para casa das crianças em um envelope com um guia de como plantar, permitindo que as famílias também fizessem parte da experiência.

Outras informações e maiores detalhes do projeto podem ser acompanhadas diretamente por meio do QR Code do livro digital produzido. Para acessar a história completa, clique no link abaixo ou realize a leitura do QR Code.

<https://heyzine.com/flip-book/c382f1b42a.html#page/1>



Cada planejamento elaborado para dar seguimento ao projeto foi construído de forma reflexiva, considerando as experiências vividas, os retornos trazidos pelas crianças e pela avaliação de cada proposta desenvolvida. Assim, se tornou possível propor momentos mais significativos, alinhados aos interesses e às curiosidades do grupo, garantindo que essas intervenções respondessem, de fato, ao que as crianças desejavam investigar e compreender. A partir dos registros fotográficos, gravações de vídeos e de áudios posteriormente transcritos, produzidos durante todo o percurso investigativo, tornou-se possível a compilação desses materiais para a organização de um portfólio temático. Esse processo não teve apenas a intenção de documentar as atividades realizadas, mas, principalmente, de tornar visível o percurso de aprendizagem das crianças, valorizando suas falas, hipóteses, descobertas e conclusões.

Segundo o Caderno 2 sobre Documentação Pedagógica, elaborado pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2018, p. 37), o portfólio temático é descrito como um

[...] poderoso material para ir sendo construído e contando a jornada educativa das crianças ao longo do seu percurso na instituição. Também pode ser utilizado para narrar a respeito de um ou mais argumentos utilizando-se de imagens, textos, produções das crianças, falas das crianças a respeito de um projeto de aprendizagem.

Nesse sentido, foi possível construir livretos que consolidam o portfólio temático, reunindo os registros produzidos ao longo dos projetos. Esses livretos constituem-se como



uma forma de documentação pedagógica, uma vez que torna visível os processos de aprendizagem das crianças, evidenciando seus percursos investigativos.

A documentação pedagógica, nesse contexto, não é limitada ao ato de registrar e de somente criar uma documentação, mas envolve um processo de escuta, seleção, interpretação e organização dos acontecimentos e dos materiais produzidos no dia a dia. Ao transformar os registros em um livreto, foi possível atribuir sentido às experiências vividas, contribuindo para uma narrativa simples e adequada ao contexto das famílias, permitindo que as vivências, os questionamentos e as aprendizagens se tornassem visíveis tanto para as famílias como para as próprias crianças, revelando um percurso construído coletivamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho evidenciou a importância da documentação pedagógica como uma potente estratégia no contexto do estágio curricular na Educação Infantil, ao possibilitar a observação, o registro, a interpretação e a comunicação dos processos de aprendizagem das crianças da turma.

Com o desenvolvimento dos projetos investigativos, foi possível compreender que, quando as práticas pedagógicas se organizam a partir da escuta sensível dos interesses e curiosidades das crianças, o processo de ensino aprendizagem torna-se muito mais significativo, participativo e investigativo, coerente com suas formas próprias de explorar e compreender o mundo. Nesse percurso, a documentação pedagógica destacou-se não apenas como produto final, mas como um processo contínuo de vivências que orientam o planejamento, sustentam reflexões sobre a prática pedagógica e valorizam as múltiplas formas de expressão das crianças e a maneira como constroem conhecimento.

A elaboração dos portfólio temáticos/livretos permitiu tornar visível os percursos investigativos vivenciados pelas crianças, fortalecendo a comunicação entre escola e família, além de contribuir para a construção de uma prática docente mais consciente, reflexiva e intencional, valorizando também a continuidade dos temas trabalhados para melhor compreensão por parte das crianças.

Por fim, reconhece-se aqui, a necessidade de ampliar os estudos e experiências que aprofundem o uso da documentação pedagógica na Educação Infantil, considerando suas grandes potencialidades na formação dos professores e na qualificação das práticas docentes, especialmente no que se refere à escuta, à participação ativa das crianças e à construção coletiva de conhecimentos.



AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à todas as crianças da turma do Maternal II B de 2025, protagonistas deste trabalho, que, por meio das curiosidades genuínas e tão próprias da(s) infância(s), tornaram possível a construção deste estudo.

À professora regente da turma, pelo acolhimento, parceria e disponibilidade ao longo do período do estágio, contribuindo para ambas, o desenvolvimento das práticas pedagógicas de maneira significativa.

À professora orientadora, pelo acompanhamento, incentivo, paciência e contribuições fundamentais durante todo esses processos, auxiliando nas construções reflexivas desde o início do estágio, até a conclusão deste trabalho.

À instituição de ensino, especialmente à equipe gestora, pelo espaço concebido, pelo apoio durante a realização do estágio e pela disponibilidade ao longo de todo o processo.

E por fim, à todas as famílias das crianças, pela confiança, acompanhamento e contribuições aos projetos, por meio do suporte com materiais e do envolvimento nas propostas desenvolvidas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria C.S.; HORN, Maria da Graça S. **Projetos em Reggio Emilia:** pensamentos e ações. Porto Alegre: Artmed, 2008. Cap. 9, p. 117-127.

BRASIL, Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica. Documentação Pedagógica: concepções e articulações - Caderno 2. Organização: Paulo Fochi. Brasília: MEC/UNESCO, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e terra, 1996.

GONZALEZ-MENA, Janet. **Fundamentos da educação infantil:** ensinando crianças em uma sociedade diversificada. 6. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

MANFRÉ, Viviane Barrozo; ARIOSI, Cinthia Magda F. **A observação na Educação Infantil como forma de respeito às crianças.** Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 16, n.3, p.156-161 jul/set 2019: DOI: 10.5747/ch.2019.v16.n3.h440.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **No tecido da documentação:** memória, identidade e beleza. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Registros na Educação Infantil:** pesquisa e prática pedagógica. Campinas: Papyrus, 2017.

PINAZZA, Mônica Appezzato; FOCHI, Paulo Sérgio. **Documentação pedagógica:** observar, registrar e (re)criar significados. Revista Linhas. Florianópolis, v. 19, n. 40, p. 184-199, maio/ago. 2018.

